

A IMPORTÂNCIA DE MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA A MELHORIA DA APRENDIZAGEM

Glaucia Elen Santos Xavier¹
Leandro Oliveira de Menezes²

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo refletir sobre o sistema educacional, em especial o vigente no Brasil, apresentando sua construção, fases e atual declínio, evidenciando suas falhas no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem dos alunos e fazendo sugestões de mudanças que podem trazer melhorias. Através de uma série de métodos e técnicas, como a pesquisa bibliográfica e uma abordagem qualitativa, se buscou junto a estudos de Bourdieu; Jan Masschelein e Maarten Simons; Rui Canário; Viviane Mosé e Antônio Nóvoa evidenciar que ao mesmo tempo em que a educação escolar reproduz desigualdades ela encontra meios de ser subversiva, apesar de estar em uma fase em que utiliza a repetição de informações por parte dos alunos como método pedagógico ela pode ser transformada. Mudanças nesse sistema são necessárias e muitas são as propostas de soluções, desde uma transformação radical no currículo, abandonando o por conteúdo e adotando o por competência, assim colocando o aluno como centro do processo de aprendizagem, até coisas mais simples, como mudar o acolhimento recebido pelos estudantes e diversificar os espaços de estudo. Sempre respeitando o ambiente escolar, as necessidades e o ritmo de cada comunidade. Portanto, assim fica evidente os problemas enfrentados com o sistema atual e as possibilidades, os caminhos que podem ser percorridos para uma melhoria.

Palavras-chave: Educação escolar; Aprendizagem; Métodos de ensino.

INTRODUÇÃO

A educação escolar é a maior responsável pela formação dos sujeitos no país e isso coloca sobre as escolas e os docentes uma pressão e importância enormes, além de exigir qualidade de ensino, o que vem sendo dificultado pelo sistema vigente, onde se precisa buscar transgredir para formar cidadãos críticos, algo que deveria ser o constante objetivo.

O processo de ensino/aprendizagem do século XXI não cabe dentro desse modelo tradicional que remonta ao século XIX. Exigindo assim, que providências sejam tomadas, entretanto, não se deseja a desintegração das escolas, mas sim, como coloca Nóvoa (2022), sua metamorfose. “O que está em causa é o modelo escolar, [...] e não a escola, uma instituição central para as sociedades do século XXI, pela capacidade de conduzir todos os alunos a

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, xavierglaucia22@gmail.com.

² Professor orientador: Mestre em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 4menezes@email.com.

aprendizagem, mas também pelo seu papel na construção de uma vida em comum” (NÓVOA, 2022, p. 15).

Essa instituição detém uma grande importância, para além da aprendizagem, tem diversas outras dimensões, como a de socialização e de convivência, desenvolvendo um papel central na vida social, devendo ser vista como um bem comum e essencial para a vivência e entendimento do contexto social.

A partir dessa reflexão e com a contribuição de diferentes intelectuais, esse texto busca expor as críticas dirigidas ao sistema escolar e apresentar propostas de mudanças que podem fazer diferença, chamando atenção para a necessidade de estabelecer um ambiente educativo que facilite o estudo, e também que possa contribuir para uma boa formação crítica e criatividade dos estudantes.

METODOLOGIA

Por meio de uma abordagem qualitativa e da pesquisa bibliográfica, tal, que segundo Gil (2002), se desenvolve a partir de material já elaborado, considerando, principalmente, livros e artigos, esse texto se divide em três pontos: educação escola, organização escolar e mudanças necessárias. Além disso, ele também se apoiou em um documentário e em uma palestra para ser desenvolvido. Se fundamentando em autores conceituados, buscou-se explorar os subtópicos evidenciando alguns dos problemas apresentados pelo sistema educacional escolar brasileiro na atualidade, e os caminhos que podem ser tomados para solucioná-los.

Em um primeiro momento se apontou a existência do processo educativo em diferentes meios, sendo a escola um deles, a reprodução de desigualdades que a permeia, e seus momentos de subversão. Após isso, se mostrou o caminho percorrido até o sistema atual e como ele funciona, mostrando suas características problemáticas. Por último, chegam as mudanças propostas por alguns intelectuais, algumas experiências implantadas e como elas aconteceram, trazendo possibilidades práticas que podem funcionar em outros espaços, considerando as necessidades locais.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

A educação, o processo de ensino/aprendizagem, acontece em diferentes meios, podendo estes serem a comunidade em que se vive, o seio familiar ou uma instituição religiosa, além disso, o agente transmissor de conhecimento também pode mudar a depender do local. No

final do século XVIII, a responsabilidade sobre tal processo passou, em grande parte, a ser da Escola, que assumiu e mantém um papel de extrema importância na formação cidadã da humanidade, mas apesar das mudanças trazidas com o passar do tempo, esta instituição insiste em manter um modelo educacional tradicional que se tornou obsoleto.

Cabem diversas críticas ao modelo pedagógico em vigência nas escolas, em especial as brasileiras, como forma de discutir inicialmente esse cenário, pode-se trazer as ideias de três intelectuais que refletem sobre a educação de maneira geral, sendo eles Bourdieu (através de Nogueira e Nogueira, 2002) e Masschelein e Simons (2014).

Nogueira e Nogueira (2002) destrincham o pensamento de Bourdieu no que se refere a educação escolar, em sua teoria a educação perde seu papel de instância transformadora e democrática passando a ser uma das principais instituições por meio da qual se mantém e se legitima os privilégios sociais. Os alunos não competem em condições igualitárias, trazem bagagens e culturas diferentes, e quem detém o capital cultural, o conhecimento considerado apropriado e culto, tem vantagem, pois, é essa cultura dos grupos dominantes que tem um papel ativo no currículo, nos métodos de ensino e nas formas de avaliação.

Masschelein e Simons (2014) citam essas críticas em seu livro “Em defesa da escola: uma questão pública” falando das narrativas que denunciam que a escola reproduz as desigualdades existentes na sociedade em geral, sendo ela culpada de várias formas de corrupção tanto ocultamente quanto abertamente visando promover outros interesses, mas os autores não concordam em todo com essas afirmações,

Não negamos essa corrupção, mas argumentamos que as sempre presentes tentativas de cooptação e de corrupção ocorrem justamente para domar o potencial distinto e radical que é exclusivo do escolar em si mesmo. Desde a sua criação nas cidades-estados gregas, o tempo escolar tem sido o tempo em que o “capital” (conhecimento, habilidades, cultura) é expropriado, liberado como um “bem comum” para o uso público, existindo, portanto, independente de talento, habilidade ou renda. E essa expropriação radical, ou “tornar público”, é difícil de ser tolerada por todos os que procuram proteger a propriedade (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 6).

Percebe-se que os autores apresentam perspectivas, fazem análises diferentes sobre a aprendizagem escolar, o que não significa que elas sejam excludentes. A educação escolar pode, sim, reproduzir desigualdades, de várias formas diferentes, por exemplo, em seu acesso, em sua permanência, e até mesmo ao não considerar as experiências e vivências de seus alunos, não inserindo no ensino muitos dos aspectos da cultura periférica, incluindo no currículo apenas a considerada culta, o que não seria ruim se não fosse unicamente ela, pois, os estudantes precisam que a escola faça justamente o papel de disseminador das várias culturas.

Além disso, mesmo reproduzindo desigualdades, a escola em alguns momentos encontra meios de ser subversiva, tentando formar sujeitos críticos que sejam capazes de perceber as discrepâncias e lutem contra o sistema, mesmo que tenham que enfrentar uma forma de organização extremamente massiva e tediosa, não despertando nos jovens a vontade de aprender.

ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Canário (2006) e Mosé (2013) mostram o processo histórico de consolidação da atual organização escolar brasileira, facilitando o entendimento de como se chegou a tal forma e como ela se estrutura. A primeira metade do século XX é marcada pela escola das certezas, com uma educação clássica, dos estudos eruditos e voltada para as elites, uma educação pública, consistente e pouco popular, mas que permitiu a ascensão social de alguns, lhe isentando da responsabilidade na produção das desigualdades sociais, “A escola aparecia como uma instituição justa, em um mundo injusto.” (CANÁRIO, 2006, p. 17).

Depois da Segunda Guerra Mundial nasce a escola das promessas, que se sustentava com a perspectiva de desenvolvimento, ascensão social e igualdade. Nesse sentido, ela deveria ser para todos, inclusive as massas, entretanto, esse modelo evitava a reflexão crítica com medo da consciência política.

Era por meio do desenvolvimento científico que todas as mazelas seriam curadas: no domínio do corpo, o fim da dor e da morte; na sociedade, o fim da exploração e da violência; na natureza, o fim dos desastres ambientais etc. E o acesso ao conjunto de bens viria através da educação. Esse modelo técnico de escola se aliou à necessidade de uma educação sem reflexão crítica, em função do medo da consciência política e dos seus reflexos. Resultou que as promessas da modernidade não se cumpriram. Instabilidade climática, escassez de recursos naturais, superpopulação, crise econômica, desemprego, violência (MOSÉ, 2013, p. 10).

A partir da década de 1970, com os estudos da sociologia da educação apontando para o papel de reprodutor das desigualdades que esse sistema escolar desempenhava, e ainda desempenha, se entrou na era da escola das incertezas, havendo um desencanto e aumentando a frustração. Segundo Canário (2006), emerge em um contexto com diversos acontecimentos que se mesclam, como o acréscimo de qualificações, acréscimo das desigualdades, desemprego das massas, precarização do trabalho e desvalorização dos diplomas escolares.

Diante desse cenário, é possível observar que o sistema escolar não permaneceu o mesmo com o passar do tempo, ele se modificou, em especial ao longo do século XX, sofrendo alterações imprescindíveis para que se entenda a conjuntura atual, passando por um contexto

de certezas, depois de promessas, e por último o de incertezas. Deixando de integrar apenas a elite e passando também a incluir as massas, mas com objetivos específicos e reproduzindo, dentro de sua estrutura, as desigualdades que permeiam a sociedade.

Outro fator que se soma a esses, apontado por Mosé (2013), pensando o cenário brasileiro, e que traz sequelas visíveis ainda nos dias de hoje, foi a ditadura militar. Essa que perdurou no país de 1964 a 1985 e ficou marcada como um período de perseguição e censura, tendo como alvo também professores, intelectuais e estudantes. Além de incorporar ao sistema educacional uma rígida disciplina, passividade, a não reflexão crítica, a repetição e o medo.

Não a criatividade, a inteligência viva, mas o bom comportamento, a disciplina, a ordem. Sem contar as sequelas deixadas na sociedade, em consequência especialmente do medo de pensar, de se posicionar criticamente, instaurado por um regime que perseguiu pessoas conscientes e cultas, proibiu livros, restringiu condutas (MOSÉ, 2013, p. 11)

Portanto, é possível observar que o sistema educacional brasileiro tem como herança uma educação pouco crítica, que evita refletir sobre os desafios que envolvem a sociedade e suas questões políticas, formando assim pessoas que buscam se inserir na lógica do mercado e pouco se dispõem a interferir na estrutura social.

Nesse sentido, a escola chegou em um patamar de uma formação instrumental voltada para o mercado, formando massas não para se dedicar aos grandes temas da humanidade, nem para o desenvolvimento humano, mas sim para o desenvolvimento industrial.

Esse sistema escolar apresenta diversas características marcantes, entre elas estão a não valorização das experiências dos alunos, de suas pesquisas e descobertas, dando soluções prontas, o que dificulta suas percepções de sentido nas atividades escolares, isso tudo com uma organização que lembra a produção industrial como traz Canário (2006) e Mosé (2013),

A vida escolar, ainda hoje, organiza-se em séries, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados, sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda se anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas. [...] Os conteúdos ficam tão fragmentados que levam os alunos a acreditar que estudam para os professores, para os pais, e não para si mesmos, para suas vidas. [...] A escola de massas é dividida em inúmeras salas e corredores, com pouco espaço de convivência, com pouca circulação, um espaço que mais lembra um reformatório. Mas também uma fábrica, com uma imensa linha de montagem, uma absurda fábrica de pessoas (MOSÉ, 2013, p. 10-11).

Essa instituição atende a uma concepção cumulativa do conhecimento, insistindo na utilização da repetição de informações como método pedagógico. Os professores costumam pensar nos alunos como tábulas-rasas, não considerando suas experiências no desenvolvimento

educativo, o que torna está na escola um processo penoso, entediante e insignificante. Mudanças nesse cenário são essenciais, é preciso buscar formas de aprendizagem prazerosas, a comunidade escolar, em colaboração, deve procurar caminhos que proporcionem uma melhor aprendizagem, uma melhor formação cidadã. Entretanto, o objetivo de tais mudanças não devem ser um regresso a antigas características, muito menos um ataque a escola,

À luz das acusações levantadas contra a escola, não é de estranhar que muitos tenham levantado a questão da necessidade ou não de reformá-la radicalmente. A lista de reformas é longa: a escola deve se tornar mais centrada no aluno, se esforçar para desenvolver o talento, ser mais sensível ao mercado de trabalho e ao ambiente social de forma a motivar e atender ao bem-estar dos alunos, oferecer educação baseada em evidência, o que é mais eficaz e pode contribuir para a igualdade de oportunidades de uma forma real, etc. Tais demandas estão sendo feitas a partir da perspectiva de que o sentido da escola, em última análise, se resume em otimizar o desempenho de aprendizagem (individual). Ao mesmo tempo, observamos também que mais e mais pessoas querem restabelecer a escola. Esses movimentos de “reescolarização” assumem, principalmente, uma atitude reparadora e tentam reinstalar a escola “clássica” ou “tradicional” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 8).

O sistema exige grande transformação, mas a respostas para os problemas não está no regresso ao modelo antigo, é necessário o diálogo com sua comunidade para um melhor entendimento de suas necessidades urgentes e a melhor forma para a implementação de mudanças. As demandas não podem ser absurdas e nem serem implementadas de maneira abrupta, as mudanças devem seguir o ritmo de cada escola, respeitando a comunidade, e sempre visando o melhor para os alunos. “Queremos tentar identificar o que faz uma escola ser uma escola e, ao fazê-lo, também queremos identificar por que a escola tem um valor em e por si mesma e por que ela merece ser preservada” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 11), para que assim seja possível vislumbrar um melhor caminho a ser seguido, atendendo as demandas que permeiam o processo de ensino/aprendizagem.

MUDANÇAS NECESSÁRIAS

A escola é um local de aprendizagem de conhecimentos sistematizados, mas ela não pode deixar a dimensão de lugar de socialização e convivência, nem promover um ensino que incentive a passividade e a constante repetição. Nessa direção, propondo mudanças que conversam entre si, pode-se analisar as propostas de Mosé (2018) em uma palestra “Educação contemporânea e os desafios da escola no Brasil”, Nóvoa (2022) em seu livro “Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar”, e o episódio 4 do documentário “Educação.doc-Linha na pipa” (2014).

Na visão de Mosé (2018) as melhores experiências educacionais acontecem para os estudantes que estudam por projeto de pesquisa, uma educação não feita por conteúdos, mas sim por questões problematizadoras, da vivência do aluno, algo que ele traga, por exemplo, uma notícia. Isso colocaria o aluno como o centro da educação ao invés do professor. Abandonar o currículo por conteúdo e adotar o por competência, que não impõe o que tem que ser aprendido, mas orienta aonde se tem que chegar, um tema norteador passaria por todas as disciplinas.

Nóvoa (2022), coloca cinco transformações necessárias, sendo elas: momentos educativos dentro e fora dos ambientes escolares, valorizando também os espaços não formais; diversidades de espaços para trabalho e estudo, individual ou em grupo, com ou sem a presença de professores; formas diversificadas de agrupamentos dos alunos, no lugar das turmas homogêneas, em função das tarefas a serem realizadas; não mais um professor individual dando aulas a uma turma, passando para vários professores trabalhando em conjunto com alunos ou grupos de alunos, substituição da “pedagogia frontal” pela pedagogia do trabalho; e em vez de um currículo por disciplinas organizar o estudo em grandes temas e problemas, propondo, assim como Mosé (2018), a interdisciplinaridade.

O documentário Linha na pipa (INSTITUTO CPFL, 2014) coloca em prática algumas das mudanças propostas acima e apresenta uma escola que faz os jovens terem vontade de estudar, eles verdadeiramente gostam dela. O Colégio Estadual Monsenhor Miguel de Santana Maria Mochón fica localizado em uma comunidade pobre do Rio de Janeiro, e lá gestão e docentes trabalham em conjunto para proporcionarem a melhor aprendizagem possível, eles acolhem os alunos, fazem diversas dinâmicas com o intuito de ganhá-los, sempre tentando aproximar os conteúdos com as experiências da comunidade, até porque depois esse ensino precisa refletir nela. Essa instituição promove a educação interdisciplinar, trabalhando o mesmo tema em várias disciplinas.

A partir das colocações expostas fica evidente a defasagem que permeia o atual sistema escolar e as soluções propostas que funcionou em uma unidade, mas que pode ser testada e adaptadas em outras, sempre com respeito, seguido as iniciativas locais e o tempo de cada instituição e com o envolvimento da comunidade escolar.

O modelo escolar serviu bem os propósitos e as necessidades do século XX, mas, agora, torna-se imprescindível a sua metamorfose. Ninguém sabe como será o futuro, mas devemos construir este processo, não com base em delírios futuristas, mas a partir de realidades e experiências que já existem em muitas escolas, a partir do trabalho que, hoje, já é feito por muitos professores. Nada será feito numa lógica centralista de reformas ou por imposição simultânea de



mudanças. Tudo surgirá de iniciativas locais, cada uma ao seu ritmo e no seu momento, fruto do envolvimento de professores e da sociedade (NÓVOA, 2022, p. 17).

Algumas propostas podem ser aplicadas sem grandes problemas, o acolhimento, dinâmicas diversificadas e variar os locais de estudo, propondo aulas em espaços diferentes, como bibliotecas, museus e até no pátio da escola pode estimular os alunos e tornar o momento de aprendizagem muito mais prazeroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema escolar apresenta diversos problemas, como a reprodução de desigualdades, a não consideração das experiências prévias dos estudantes e um ensino essencialmente baseado na memorização e acumulação de conteúdos, o que exige transformação. Apesar do cenário exposto, a escola não se resume a isso, ela não significa apenas problema, também é um local de insurgência e como tal dispõe de uma comunidade disposta a tentar executar as mudanças e suprir essa instituição em outros aspectos.

Ninguém se educa sozinho [...]. Precisamos de outros humanos, dos nossos professores e dos nossos colegas. Dos professores, esperamos uma expansão do nosso repertório, através da aquisição de linguagens que nos permitam ler o mundo e interpretar a avalanche diária de informação e desinformação [...]. Dos nossos colegas, esperamos que se juntem connosco numa aprendizagem cooperativa [...]. A cooperação é uma das chaves da educação do nosso século (NÓVOA, 2022, p. 19).

É possível aprender sem frequentar a escola, mas essa instituição tem um papel importantíssimo na formação do indivíduo por ser um local que é atravessado pelo mundo, promovendo a troca, incentivando a criatividade, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento complexo e trazendo uma visão de mundo que não se pode obter de outra forma se não através da educação escolar.

REFERÊNCIAS

BURITI FILMES. **Educação.doc - Linha na Pipa | Episódio 4**, 24 de nov. 2014. Disponível em: [Educação.doc - Linha na Pipa | Episódio 4](#). Acesso em: 29 de jan. 2023.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** das promessas as incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.



GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. ed. 6, 2. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009. 200 p.

INSTITUTO CPFL. **Educação contemporânea e os desafios da escola no brasil, com Viviane Mosé**, 10 de ago. 2018. Disponível em: [educação contemporânea e os desafios da escola no brasil, com viviane mosé](#). Acesso em: 29 de jan. 2023.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, v. 23, p. 15-35, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 29 de jan. 2023.